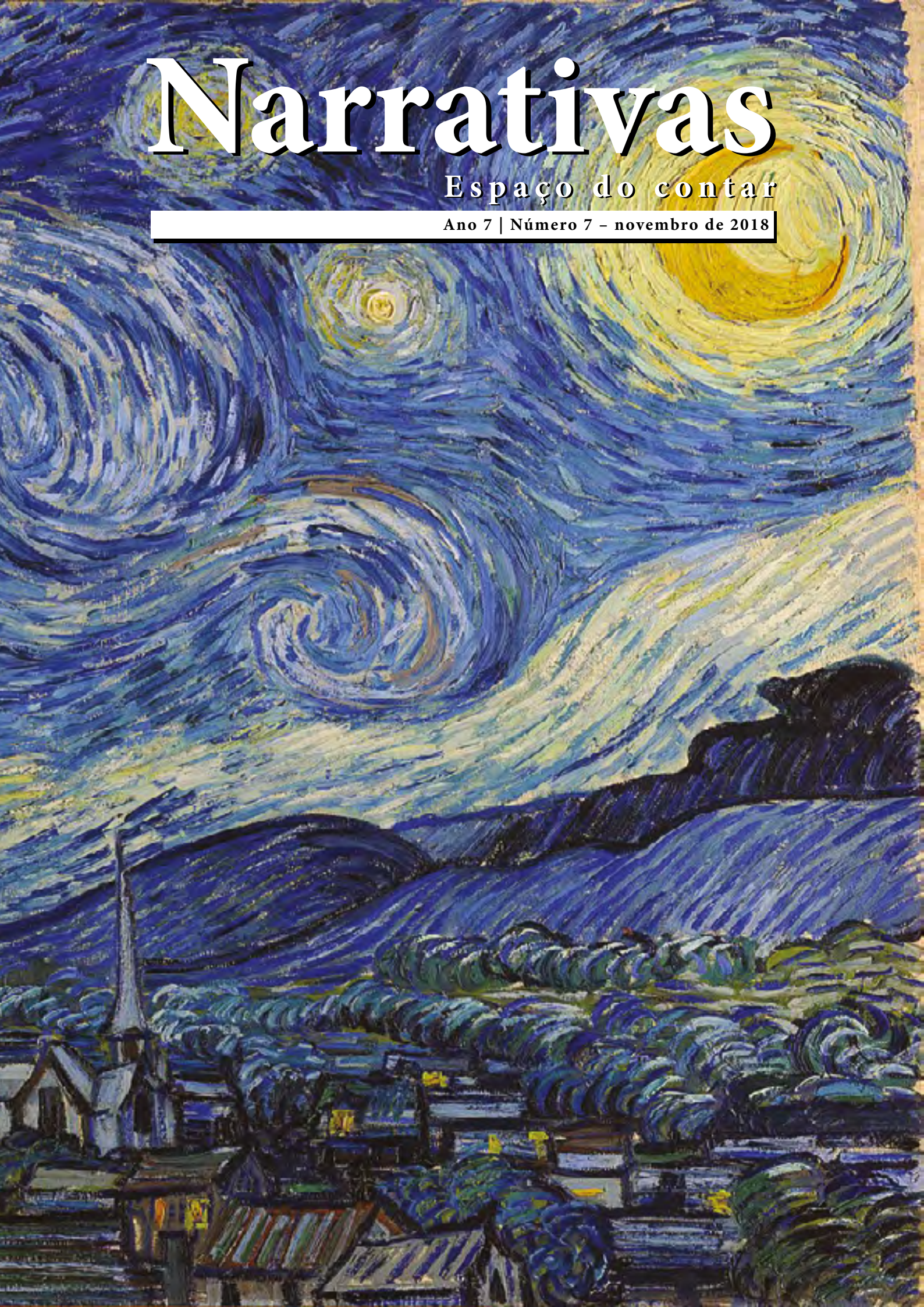


Narrativas

Espaço do contar

Ano 7 | Número 7 - novembro de 2018



Narrativas

Espaço do contar

Ano 7 | Número 7 - novembro de 2018



Sobre a NARRATIVA e o LEMBRAR

Contamos histórias de novo. É um velho hábito. Contamos porque organizamos o vivido, contamos porque lembrar nos torna quem somos. Em uma sociedade cada vez mais parecida com a obra de George Orwell, lembrar é agir.

Os projetos conversaram com as necessidades dos tempos, de mais uma turma de 9º Ano que se forma para ganhar o mundo. Espero que continuem contando histórias, que vençam as apatias, as indiferenças, que sejam humanos, demasiadamente humanos.

Como de costume, dividimos as discussões em dossiês. Desta vez foram quatro, perdoem o novo velho professor que esteve ausente por um tempo.

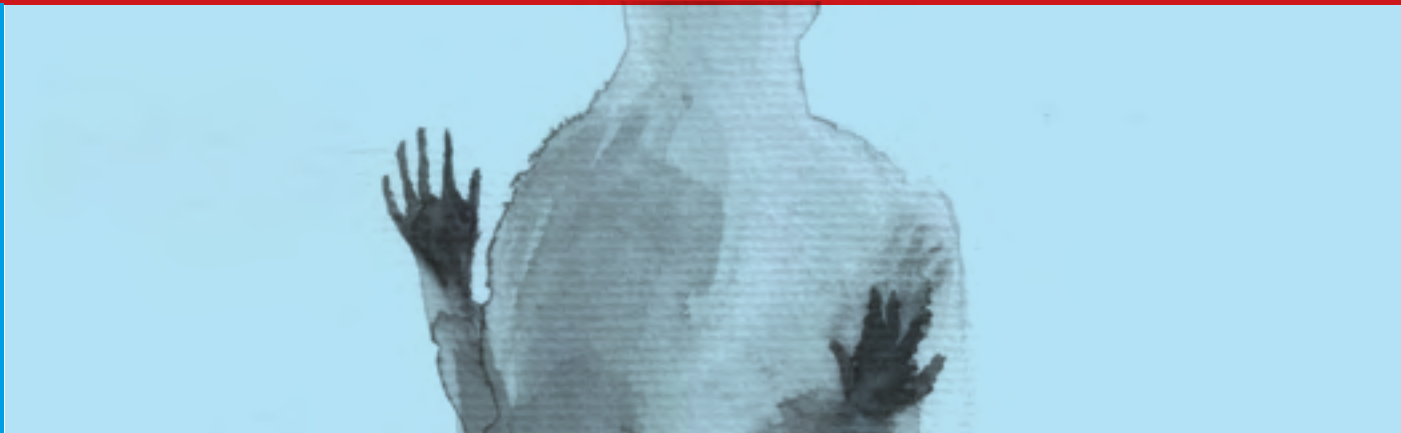
Abrimos os trabalhos com um clássico. Fernando Pessoa há sete anos já se multiplica entre nossos curumins no dossiê "O eu profundo e os outros eus". É confuso, mas somos assim, múltiplos, incansáveis na arte de desvendarmos a nós mesmos, dando vida a vidas adormecidas em nós.

O segundo dossiê vem com cuidado, sorrateiro, exige atenção. Com "Primeiros crimes", acompanhamos enredos policiais cabeludos. Cuidado, não foi falta de aviso.

Os capítulos finais são gêmeos, siameses. Em "Esquecer", imaginamos um futuro incerto, posto que sem passado, um devaneio distópico fruto das saudades deixadas pelo Museu Nacional e pela imagem de um mundo autodestrutivo. Por outro lado, com "Lembrar", parabenizamos a Aldeia por seus 45 mil anos de existência, deixando um pedacim' da gente nessa terra bem da bonita.

Agradecemos sempre a todos os envolvidos direta ou indiretamente com nossa revista Narrativas, em especial a Mônica Scheer, revisora atenta e substituta sensível que não deixou a poesia se perder desse projeto num ano de tantas turbulências. Estejamos juntos, drummonicamente de mãos dadas.

Mateus Bertolino



DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

6

DOSSIÊ PRIMEIROS CRIMES

18

DOSSIÊ ESQUECER

34

DOSSIÊ LEMBRAR

42

Heterônimos



DOSSIÊ O EU PROFUNDO E OS OUTROS EUS

"Sê plural como o universo"

Fernando Pessoa

Quantas almas temos? O poeta Fernando Pessoa respondeu esta questão ao longo de sua obra, sem deixar para nós, aflitos leitores, uma mensagem definitiva. Seus heterônimos, outras personalidades criadas dentro de si, tinham nomes, histórias e angústias que nos fazem imaginar ao menos cem homens vivendo no íntimo do poeta.

Em carta a um amigo, Pessoa comenta sobre a criação de todos eles:

"Graduei as influências, conheci as amizades, ouvi, dentro de mim, as discussões e as divergências de critérios, e em tudo isto me parece que fui eu, criador de tudo, o menos que ali houve. Parece que tudo se passou independentemente de mim. E parece que assim ainda se passa."

Se fôssemos outros, quem seríamos? A lírica pessoana nos convidou a mergulhar no oceano de nós mesmos, encontrando novos "eus" ... nossos heterônimos. Aqui se apresentam alguns, esperamos que gostem de conhecê-los.



Retrato de Fernando Pessoa, por António Faria

Obras de referência: "Cancioneiro", "Livro do desassossego", "Poesia completa de Álvaro de Campos", "Poesia completa de Alberto Caeiro", "Poesia completa de Ricardo Reis", de Fernando Pessoa / "O ano da morte de Ricardo Reis", de José Saramago

E agora, leitor?
A aula acabou,
A luz apagou,
O povo sumiu
E a cabeça esfriou.

E agora, Professor?
A matéria foi dada,
Mas a lição é mais difícil.
Que lição?
A de pensar,
A de visualizar,
A de crer
E criar.

Criar o quê?
Um alguém
Semelhante a você
Ou não.

Como isso seria possível?
Pegando um lápis,
Rabiscando ou escrevendo
Criaríamos obras puras
E cheias de ternura.

E agora, Professor?
Apenas imagine,
Voe alto
E acredite.
Bem vinda, Lauren!

A brisa leve da praia tocava minha pele, arrepiei com o vento gelado. Ouvia uma playlist com músicas calmas para eu relaxar. O peso da câmera forçava minha cervical, mas essa força não era tão grande quanto a dos meus pensamentos. Nada era tão pesado quanto minha cabeça naquele momento. Talvez fosse o nervosismo e a ansiedade de

começar o trabalho e fazer meus ensaios, talvez fosse simplesmente o medo do que poderia acontecer comigo naquele breu.

Os dias seguintes foram uma total confusão, como uma fotógrafa pode trabalhar daquele jeito? Foi um completo desastre! Eu consegui rasgar o vestido da modelo, querer o rebatedor, e outras várias coisas... Todo esse momento de confusão me fez, curiosamente, ter muita criatividade.

Talvez fosse falho, mas pelo menos eu tinha tudo guardado pra mim. Eu vivo em uma sociedade que é baseada no esquecimento, na falta de capacidade de confiar e na falta de autoconfiança. Basicamente ninguém confia e/ou lembra.

Eu encontrei métodos pra lembrar das coisas importantes pra mim. Métodos tais que realmente me ajudam, pois nem eu tenho a capacidade de lembrar. Eu uso a arte a meu favor, o desenho, a fotografia, os meus textos.

Lia Willians

Eu não tenho um sonho,
eu tenho vários, mas não sei qual seguir.

Desde criança eu sonho,
e até hoje estou sonhando.

Poderia ser jogador e até ser cantor,
mas eu não sei cantar.

Posso ser veterinário ou médico,
só não conseguiria ver as pessoas sofrendo e dependendo de mim no Hospital.

Eu até poderia ser professor,
mas só gosto de matemática e ao mesmo tempo acho chato.

E na verdade tenho dois sonhos que eu desejo completar.

O primeiro é ser pai,
queria ter dois filhos.

O segundo é dançar,
sempre quis aprender a dançar.

O FUTURO DO PASSADO

Aquele momento era o de suas vidas. Sem lembranças. Sem solidão. Sem mentiras. Apenas eles dois de mãos dadas em um altar. Ela de noiva. Ele de noivo. Eles de aliança.

Todas as histórias estavam entrelaçadas. Eles nasceram para se encontrar. Eles foram feitos um para o outro. Eles se amavam. Só faltavam duas palavras pra eles serem oficialmente casados.

– Eu aceito – Lia disse entre as lágrimas.

– Eu aceito – Henrique, o homem de esmeralda falou.

A partir daquele momento... todas as suas memórias consistiam no presente, nos futuros contos sobre aquele momento. Nas futuras histórias perdidas. Nas futuras fotografias. Nas futuras lembranças que serão esquecidas.

Lia Willians

FUSÃO

- Vamos para o restaurante, mas você paga.

- Ok, emprego bom que não dá dinheiro não sei se vale a pena.

- Pelo menos minha vida é movimentada, Bianquinha, sei os melhores lugares pra ir sem precisar de cem reais no bolso. E mais, eu não corto as pessoas pra viver.

- Tá, concordamos que você tem a vida e eu tenho o dinheiro, mas não vou mentir, amo meu trabalho, é importante, salvo pessoas.

- Chega de falar de trabalho, o Tenore tem mesa.

- Vamos, senhorita Sandra.

- Com prazer, senhorita Bianca.

- O sinal fechou, anda.

- Vai lançar um desenho novo dos Vingadores em longa e eu preciso...

“Cuidado!”

- Quem disse... Sandra, o carro!

- ...

"Chamem uma ambulância!"

- Bianca, você é médica, sabe que ela precisa de transplante.
- Eu dou.
- Bianca, você teria que estar morta, eu não posso...
- Me mate na mesa de cirurgia e tira, depois põe nela.
- Mas...
- Eu sei da sua licença, mas é a minha irmã e eu não vou fazer com que ela espere porque nós dois sabemos que ela não sobrevive até conseguir.
- Posso ser preso por isso.
- Você precisa de uma parte do meu cérebro, eu vivo sem essa parte.
- Tem alto risco.
- Eu não vivo sem ela e não vivo com ela, em uma das opções pelo menos uma das duas vive.
- Ah - com um longo suspiro - Ok, eu faço.
- Obrigada.

"Estou viva?"

"Está, me agradeça."

"É a minha cabeça ou estamos conversando pela mente?"

"É difícil de explicar, vamos dizer que você está com o meu cérebro."

"Você sobrevive nessa história?"

"Provável que não, mas estarei aqui, Bi, você ainda vai sentir algumas das minhas emoções."

"Então se eu quiser chorar e você também, eu choro mais?"

"Pode ser que sim. Me desculpa por ter que fazer isso."

"A gente sobrevive juntas... eu te amo."

"Também te amo."

Catarina Larama é uma “esportista” famosa, desde pequena sempre se destacou em todos os esportes, apenas com 12 anos tinha que tomar a decisão de sua vida, em que esporte ela iria seguir. Como era apaixonada e habilidosa em todos, não tinha diferença em qual seguiria.

Então os anos foram passando e ela não conseguia escolher, queria praticar todos, “se virava nos 30”, mas não dava o braço a torcer, era teimosa, confiante, persistente. Quando quer algo vai até o fim.

ENTRE PARÊNTESES

Pode me chamar de Lia
No chuveiro eu canto
Com o lápis eu desenho
Vivendo minha utopia

Sempre feliz
Com uma pitada de solidão
E um detalhe de vaidade
Como uma flor de lis

O dia eu encanto
A tarde eu prezo
A noite eu louvo
Fugindo pra meu recanto

Sempre percebem
Que Memórias
Eu lembro.
Mas Os outros esquecem

Pelas minhas lentes
Eu capto
Eu guardo
Entre parênteses

Lia Willians

Hoje acordei, liguei meu computador e fui analisar quanto dinheiro tinha na minha conta – um homem rico como eu sempre precisa saber se a sua empresa lucrou mais de um dia para o outro. Depois de fazer algumas ligações, desci a escada da minha varanda e já estou na praia... depois de surfar um pouco volto pra casa e do nada vejo que em meia hora 5 bilhões de dólares sumiram da minha conta!

Foi nesse momento que percebi que eu tinha que fazer alguma coisa, tive que remodelar minha empresa de tecnologia e parar de fabricar computadores e celulares e fabricar algo que me ajudasse a achar esse ladrão. Criei inteligências artificiais

que eram capazes de raciocinar até 5 vezes mais que o ser humano e, depois de dias estudando, finalmente descobri que o ladrão que me roubou os 5 milhões de dólares foi um hacker muito inteligente.

Criei um perfil e dei o nome de MONEY, consegui entrar em contato com ele e descobri que era o dono de uma empresa que tinha concorrência com a minha. Por meio de uma ligação para ele, fiz que confessasse seu crime, mas ele não sabia que eu estava gravando a ligação. Depois de ter em mãos a prova, entreguei para a polícia e ela acabou prendendo o sujeito e meus 5 bilhões de dólares foram devolvidos.

MONEY

Nasci no dia 19/09/1986, na Finlândia. Nos meus primeiros 5 anos, meu cabelo era liso e loiro. Mas depois o meu cabelo escureceu e agora tenho olhos azuis, cabelo preto e bem longo.

Então, mas voltando para o passado, quando eu era pequeno, eu gostava muito de jogar basquete e queria ser policial. Quando fui crescendo, me mudei para a França, perto da praia, e aprendi várias coisas novas. Fiquei por 3 anos sem saber o que fazer e acabei virando escritora.

Eu própria adorava filmes de ficção científica, pois neles normalmente há várias galáxias diferentes e se viaja bastante. Foram deles também que tirei esse negócio de adorar viajar para conhecer lugares novos e diferentes. Fui bem sucedida, na minha opinião, e acho que hoje em dia tenho uma vida muito legal, saudável e feliz.

Até hoje, nunca fui para a Austrália e essa será a minha próxima viagem.

Luana Korhonen

O PRÊMIO DIVINO

“Catarina Larama, grande revelação do esporte”. Essa sou eu, uma “promessa”, ou melhor, era, aos 12 anos já era sensação

em minha cidade, jogava tudo. Aos 18 anos tinha que decidir meu destino, que carreira iria seguir adiante. Depois de conversar

muito com minha família escolhi seguir minha carreira no vôlei.

Comecei a olhar as propostas dos times, decidi desembarcar no Rio de Janeiro e jogar no Sesc-RJ ou também chamado de Rexona. O Rio foi o meu lar por 7 anos, conquistei tudo que queria e muito mais, na seleção realizei sonhos, ganhei tudo que tinha direito.

Até que chegou um dos melhores ou piores dias da minha vida, estávamos na final das Olimpíadas, quando desci de

um ataque e senti a pior dor da minha vida, já sabia que poderia ser o fim da minha carreira, enquanto esperava os resultados comemorava mais um título conquistado. Logo após a euforia recebi a notícia que meu joelho estava gravemente machucado.

Naquele momento encerrei minha carreira, e sou muito feliz por tudo que conquistei no Sesc-RJ e na seleção brasileira. Hoje sou comentarista, graças à cirurgia atualmente posso jogar por diversão, também voltei a jogar todos os esportes que me agradam.

Catarina Larama

A mente é um universo
E é cheia de verdades,
Mas também cheia de mentiras
E com numerosas idades.

Uma vez dentro dela,
Difícil de sair
Com tantos sonhos divertidos
Pra lá você quer ir.

Cheia de pensamentos ela é.

Luana Korhonen

Nome: Teresa Agnes

Idade: 84

Nacionalidade: brasileira

Às vezes sinto que sou muito pequena para o mundo. Ao longo dos meus 84 anos fui a muitos lugares, conheci muitas pessoas. Dei e recebi conhecimentos. Troquei palavras, vi sorrisos e choros. Ouvi e produzi músicas. Experimentei e criei novos sabores. E sinto que não sei de nada. Sinto que o mundo oferece tantas possibilidades que nem

vivendo mil vidas seria suficiente. Hoje reconheço como sou pequena e insignificante no meio de tanta diversidade.

Às vezes sinto que sou muito grande para o meu mundo. Que o tamanho do meu corpo é desproporcional à imensidão da minha mente. Que meus desejos vão além do que me é permitido. Que minhas ideias e pensamentos são grandes demais para o tamanho da minha importância nesse mundo. Que a minha voz interior fala mais alto do que a produzida pelas minhas cordas vocais.

A idade é apenas uma barreira. E eu sou capaz de pulá-las.

Eu estava em um campeonato na África do Sul e estava esculachando todo mundo em todas as baterias. Era o melhor surf da minha vida.

Uma bateria antes da final, eu já tinha colocado meu oponente em um combo de 19 pontos. A final já era minha! Só faltavam dois minutos, meu oponente já havia saído da água, eu estava esperando

uma onda para sair. Foi nessa hora em que vi uma sombra. Fui puxado para baixo da água pelo braço. Cinco minutos depois eu acordo em uma ambulância. Olhei meu corpo e não vi meu braço esquerdo. Fiquei arrasado.

Mas o surf falou mais alto e até hoje continuo surfando, porque é a coisa que mais gosto de fazer.


Às vezes, se faço algo, os outros me olham torto como quem diz "Nossa, que estranha!" ou "Que patética!". Já eu não diria isso, eu diria FELIZ, até porque se os outros acham isso, é problema deles. Essa sou eu!

Uma boa parte das pessoas da minha idade se se deparam com algo meio "infantil", não pensam duas vezes, vão logo dizendo "Não tenho mais idade pra isso". Já eu penso que idade é só uma vela que tem no seu bolo, o que realmente importa é o recheio.

Sofia Valente

Prazer, meu nome é Marcus. Eu nasci no Rio de Janeiro, eu trabalho vendendo pastel na praia.

Com esse trabalho eu aprendi como é difícil trabalhar sozinho, porém sobra mais dinheiro para comprar o que preciso.



1991. Eu tinha cinco anos e morava na cidade do Rio de Janeiro. Naquela época, o sonho de todo garoto era ser astro de rock ou surfista. O meu também era, porém, um dia mudei de ideia. Foi quando vi o Tony Hawk na TV.

Tony Hawk era o melhor skatista do mundo. Quando o vi na TV, mandando um aéreo na mega rampa, já tinha certeza do que queria ser no futuro. Então, eu comecei a andar de skate. Meu pai me botou em um skatpark para eu aprender as manobras.

O tempo foi passando e, quando eu completei 15 anos, já tinha ganhado 10 campeonatos no Rio. Estava cheio dos patrocínios e cada vez ia crescendo mais no skate.

Em 2012 teria o campeonato mundial de skate na Califórnia e, como eu já estava avançado na minha carreira de skatista, fui concorrer. O clima lá era tenso, mais de 20 mil pessoas na plateia, e a uma pressão muito grande e algo me dizia que eu não iria ganhar. Estava ao lado dos maiores profissionais e da a maior rampa de skate do mundo! Durante o campeonato, estava muito difícil de manter minha posição, pois os participantes eram muito bons, mas ainda estava ganhando.

Ao final do campeonato, estava tudo dando certo, até que, na minha vez, fui mandar uma manobra e caí de mau jeito. Me machuquei feio. Pensaram que eu tinha só quebrado o pé, mas, na verdade, eu tinha arrebentado um tendão e perdido a mobilidade do pé. Falaram que não poderia mais andar de skate. Meu sonho de ser campeão mundial havia acabado. Só que não.

Naquele mesmo dia, os participantes se recusaram a continuar a competição sem mim, então consegui levar o troféu para casa.

Hoje eu tenho dois filhos embarcando na carreira de skatistas deles e estou bem, mesmo não podendo mais andar de skate. Valeu a pena o esforço para conseguir aquele troféu.

MARKUS SK8



[Handwritten signature]



Bia Gomes

DOSSIÊ PRIMEIROS CRIMES

“Francisco da Costa, serralheiro, casado na cidade com Jerônima Rodrigues, é a vítima. Seu corpo foi encontrado pelo mameluco Simão Berquó, numa manhã de sábado, a algumas braças da Casa de Pedra. Tinha sete flechas cravadas nas costas, e um ferimento na altura dos rins que pareceu corresponder a uma oitava flechada.”

Alberto Mussa



Em “A primeira história do mundo”, Alberto Mussa nos leva para as origens do Rio de Janeiro, que teria nascido com um crime, a princípio passional, como apontavam as autoridades competentes. Trata-se de uma vítima e muitos suspeitos, cerca de 15% da cidade, então uma mistura de portugueses, degredados, índios e lendas.

O crime não foi resolvido, ao menos não pela História. A Fantasia de Mussa nos permitiu refletir sobre as possibilidades ilimitadas da Literatura, até para vivermos situações, macabros suspenses, que nunca em sã consciência nos colocaríamos. Credo! Do assassinato do serralheiro Francisco da Costa, partimos para a produção de tramas policiais, daquelas que dariam orgulho ao mestre Hitchcock. [Nota: sintonizar a trilha de “Psicose” ao final desta apresentação]

*“É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais.”*

Edgar Allan Poe

Obras de referência: “A primeira história do mundo”, de Alberto Mussa / “Psicose”, de Alfred Hitchcock / “O corvo”, de Edgar Allan Poe / “Vincent”, de Tim Burton

Encarava o relógio ansiosamente, uma pequena gota de suor escorria pelo lado de sua bochecha. Claramente estava nervoso. Conseguia ouvir vozes baixas vindas do lado de fora daquela minúscula sala, onde tinha apenas uma mesa e três cadeiras, número exato de pessoas que em alguns minutos estariam ali. A testemunha, a detetive, o advogado. Balançava seus joelhos para cima e para baixo em um movimento contínuo, enquanto balbuciava palavras incompreensíveis.

Uma sombra se forma na porta, e dela Camila de Melo sai. Ela esbanjava confiança e determinação, afinal era a detetive mais renomada da cidade. Ela andou na direção da pessoa que tanto a esperava, e no momento que a viu, ficou estática, sua respiração era difícil de acompanhar, mas fazia o seu melhor para não transparecer o nervosismo.

Não demorou muito e já foi direto para o assunto:

– Agora me conte, o que realmente aconteceu naquela noite? – ela indagou com o tom de voz superior e um pouco irritada.

Antes mesmo de ter a chance de falar, a porta se abre novamente, e dessa vez Cristiano Bittencourt entrou na sala.

– o Sr. Carvalho não irá falar nada sem o meu consentimento – o homem que representava os adolescentes ordenou. O advogado se inclinou na direção de Jonas para sussurrar algo, mas logo volta sua atenção para Camila, que já estava entediada daquele cenário – Prossiga.

– Já que você foi a pessoa que iniciou tudo, dando a festa, você até então é um de nossos principais suspeitos.

– Eu me declaro inocente, você vai entender depois que eu te contar o que aconteceu naquele triste sábado – o garoto disse, parando para lembrar o que tinha acontecido com seu amigo, fora sem dúvida a maior tragédia de sua vida.

– Então não enrole, começa logo, não tenho a tarde toda – ela disse.

Jonas limpou sua garganta, provocando uma revirada de olhos da detetive, e deu início ao seu depoimento.

– Naquela manhã da sexta-feira meus pais haviam me dito que iriam viajar durante o fim de semana, então eu resolvi dar uma festa, já que não estava afim de ficar entediado – o menino deu um sorriso atrevido – Falei para os meus amigos que no sábado à noite iria rolar uma festa lá no bar perto de casa, não seria na minha casa porque não queria que houvesse bagunça nela, para os meus pais não suspeitarem. No sábado, eu o Carlos fomos comprar as bebidas – antes mesmo que pudesse continuar a história, Camila interveio.

- Vocês não poderiam estar comprando bebidas! Ambos são menores de idade.
- Bom... nós usamos identidades falsas.
- Isso será outro caso para trabalhar, continue, fazendo favor.
- Saímos do mercado e deixamos os comes e bebes lá em casa. Foi quando Carlos atendeu o celular – Camila ouvia tudo e anotava atenciosamente.
- Você sabe quem ligou para ele?
- Não, mas eu sei que após a ligação ele ficou com muita, mas muita raiva, estava vermelho de tanto gritar ao telefone. Já na festa, Carlos bebia como se não houvesse amanhã, principalmente depois que viu Valentina no bar, um cara estranho foi falar com ela, mas não liguei muito. Depois disso parei de prestar atenção em Carlos e fui curtir um pouco. Me lembro de estar no banheiro quando ouvi gritos e um barulho de tiro estrondoso. Quando voltei, ele já estava caído no chão em uma gigantesca poça de sangue e morto – algumas lágrimas brotaram em seus olhos, não era fácil esquecer aquela cena, seu melhor amigo deitado no chão coberto de sangue e com uma bala em seu peito.
- Acho que já está suficiente por hoje – disse o advogado ríspido – Camila simplesmente concordou e saiu da sala. “preciso ouvir os outros testemunhos para ver se as histórias conferem” pensou já vendo os problemas que esse caso iria provocar.

Ele não parecia estar nervoso, pelo contrário, estava muito tranquilo. Estava sem medo, como se não tivesse nada a se preocupar. Mas será que ele realmente não tinha? Qualquer um poderia ser o assassino, mas poucos eram realmente as vítimas, fato que deixava a detetive louca, em quem ela deveria confiar?

- Fabrício Moreira, certo? – Camila deu início à “conversa”.
- Sim, sim – Ele respondeu com um leve sorriso nos lábios.
- Então conte-me, o que aconteceu no sábado?
- Na manhã do dia 13, eu e os meus amigos saímos para um passeio na comunidade, estávamos andando quando ouvimos o dono do bar dizer que a noite teria uma festa lá. Como eu não tinha nada para fazer nesse dia, resolvi aparecer – ele deu uma pausa para que a detetive pudesse acompanhá-lo.
- O dono do bar compareceu à essa festa?
- Não, ele simplesmente emprestou o bar para um bando de adolescentes.

– Então prossiga, o que aconteceu na festa?

– Eu cheguei lá e fui pegar uma bebida, e do meu lado no balcão, tinha uma menina bem triste, então não pensei duas vezes em perguntar o que tinha acontecido com ela, a garota “tava” mal.

– E qual é o nome dela? Você se lembra?

– Valéria...? Não... Va... Valentina! Isso, Valentina é o nome dela! Mas eu só pude descobrir após o Carlos, acho que era seu namorado, ele estava completamente bêbado, vir ao meu encontro me perguntar o que eu estava fazendo com ela. Antes de ter a chance de responder, ele me acertou com um soco no rosto. E para evitar confusões sai daquele bar.

– Você também teve que sair para colocar gelo, né, já que você estava machucado...? – falou o advogado que até então não havia se pronunciado falou – Aquela pergunta havia deixado a detetive pensativa, “cadê o machucado no rosto do garoto?”

– Claro, mas já sarou – o menino disse.

Agora era a vez da menina, a doce menina, ou não. Seu cabelo era onde seus dedos pousavam a cada cinco segundos, sempre o tirando de seu rosto para prendê-lo atrás de suas orelhas. Agonia. Culpa. Talvez fossem os únicos sentimentos que ela sentisse no momento. Seu coração estava disparado. Não estava preparada para falar assim de seu namorado. Ex. Tanto faz, sua cabeça estava uma bagunça. Não só a cabeça como sua aparência também, olheiras profundas, cabelo oleoso, olhos vermelhos de tanto chorar. Ela estava devastada.

Valentina chegou antes de todos na sala, pois queria acabar com aquilo logo, A menina estava perdida em seus pensamentos quando Camila entrou na sala, abriu a porta ferozmente acreditando que não havia ninguém lá, mas logo foi interrompida por Valentina, que já a aguardava.

– Chegou cedo! – a detetive exclamou impressionada com a pontualidade da garota.

– Pois é. Não queria que isso demorasse tanto.

O advogado, que já estava atrasado, entrou na sala cumprimentando as duas. Sentou-se em sua cadeira a fez um sinal para que Valentina começasse seu depoimento.

– Eu e o Carlos tivemos um longo e duradouro romance, então nós éramos muito próximos. Estávamos na escola quando o nosso amigo Jonas nos contou que iria

dar uma festa no dia seguinte, estava incerta sobre minha presença, pois naquela tarde iria terminar com Carlos. Só confirmei porque não queria que ele soubesse de nada. Foi o que eu fiz, naquela tarde eu liguei pra ele para acabarmos de vez com o relacionamento.

– Qual foi o motivo do término? – a detetive perguntou.

– O relacionamento estava desgastado e ele estava muito possessivo, o que ficou mais claro na festa. Eu sei que terminar pela internet foi uma má ideia, mas fiquei com medo de enfrentá-lo, ele podia fazer algo comigo. E na festa eu só queria distância e conhecer novos caras, e me desculpe se eu não sou capaz de dizer exatamente o que aconteceu com ele, fiz o meu máximo para não manter contato. Eu estava conversando com um garoto, e foi quando ele veio em sua direção e lhe deu um soco no rosto. Eu tentei separar a briga, mas eles eram fortes de mais, estava de cabeça quente, então simplesmente saquei uma garrafa vazia na cabeça de Carlos, eu fiquei tão arrependida que eu comecei a soluçar, a chorar e a entrar em desespero. No momento em que saí para ligar para a ambulância ouvi um tiro e vi um menino de capuz saindo de dentro do bar. O meu desespero só aumentou.

– Camila, já temos informações o suficiente.

– Claro, amanhã vou declarar o suspeito, e verificar os testemunhos. Acredito que conseguirei distinguir o assassino pala tarde – saiu de lá a confiante detetive, que sempre estava com o seu caderno de testemunhos.

– Acho que ela tem certeza que é você, porque estou cuidando dos outros casos, ela aparenta estar inclinada para você. Porém, talvez eu consiga um acordo, e você dirá que foi por legítima defesa.

– Okay, melhor que nada.

A detetive chegou à delegacia adiantada para que tivesse tempo para planejar tudo, hoje finalmente ela resolveria esse caso. De certa forma tinha lhe dado trabalho, trabalhar com adolescentes nunca tinha sido uma tarefa fácil, essa idade desafiadora, mas Camila gosta de desafios.

Os suspeitos chegaram ao local um pouco depois, e foram direcionados a uma pequena sala, onde tinha um painel com listras brancas e pretas. Todos se posicionaram lado a lado, e estavam tensos, mas tinham certeza de que se alguma coisa acontecesse, Cristiano iria representá-los e ajudá-los.

Camila se pôs à frente deles e deu uma leve caminhada, encarando-os. Todos tinham a mesma feição, uma mistura de desespero e de certa forma alívio, pois aquela agonia estava matando-os. A detetive se posicionou:

– Eu sei quem fez, eu já sei desde o primeiro testemunho – ela parou.

Deu uma última olhada em todos e.... apontou seu dedo em direção a uma pessoa, todos olharam incrédulos, ela por fim disse:

– Você, Fabrício Moreira, está preso pelo assassinato de Carlos Menezes!

Lia Willians e Júlia Chagas

Era final de semestre e a turma de Direito da UFRJ estava sozinha para ter aulas extras na parte do campus que é em uma ilha. A turma estava cheia, 20 alunos, só um havia faltado, o que já era de se esperar, pois era mútuo o sentimento de raiva dele pela professora Marina.

Assim que entraram na sala de aula, se depararam com sua professora amarrada em uma cadeira na frente do quadro, e nele, escrito "Quem será o próximo...". Todos estavam pasmos e no mesmo momento o microfone da escola estava falando com todos, "Agora estão sem saída, aqui comigo. Não são alunos de Direito? Conseguiram o primeiro caso... Ah, aproveitem enquanto tem comida."

Assim que o anúncio acabou todos estavam com muito medo e já tinham seu suspeito, o único que não estava presente. Logo ligaram que havia sido o responsável pela morte da professora. Estavam discutindo e perceberam que no aviso falava sobre a falta do lanche e logo foram para o refeitório.

Quando chegaram lá, a cozinheira estava morta dentro de um lixo, cheia de comida em volta e em sua boca um bilhete, "Não é quem vocês esperam, o assassino está entre nós". Estavam muito assustados e a cada hora que passava mais alguém era vítima do serial killer, o que os levavam a confiar cada vez menos uns nos outros, já que poderia ser qualquer um.

Só havia mais 5 sobreviventes, o mais excluído, a loira mais gata e três melhores amigos inseparáveis. A menina, assustada, pediu para que o "mais excluído" fosse ao banheiro com ela, até que os 3 ouviram um grito e, com medo, foram até o banheiro e viram a mulher pendurada pelos cabelos como se fosse... a loira do banheiro!

Já sabiam quem era o assassino e também que ele era muito inteligente, estavam desesperados e não tinham ideia do que fazer, não queriam se render, então decidiram se suicidar em vez de serem mortos pelo serial killer. Chegando ao banheiro para finalizar com a morte dos

3, se deparou com os 4 cadáveres.

Estava se sentindo finalmente o rei daquela faculdade, como sempre quis, andou, gritou e correu por todo o campus, porém, para sua surpresa ainda havia um funcionário escondido, em um pequeno armário de limpeza, saiu dali e, quem diria, assassinou o assassino. Como

conhecia tudo ali, conseguiu voltar vivo, ninguém acreditava até verem com seus próprios olhos.

Saiu em todos os jornais, noticiários e mídias sociais, o tal funcionário ficou tão famoso que conseguiu deixar seu cargo na faculdade e escrever um livro sobre o acontecido.

Bia Gomes e João Guerrieri

OLHE POR ONDE ANDA

Detetive Allan Resende

Era a manhã do dia 15 de outubro de 2002 quando eu escolhi meu novo caso: o assassinato de Ivan Duarte. Foi encontrado morto atrás de um bar localizado em um bairro perigoso da cidade do Rio de Janeiro. Sua família estava chocada com essa morte repentina e direcionou o caso diretamente para mim, pois meu assistente de detetive, Christopher Robinson, é amigo da filha da vítima, a senhorita Clara.

Fui conversar com a família para saber mais sobre a vítima, e descobri que ele sofria de alcoolismo, o que fazia completo sentido pois morreu em um bar.

Porém a perícia do corpo indicava que a bebida não havia sido a causa de sua morte: Ivan estava sobre efeito do álcool, mas o que o matou foi um veneno extremamente forte, que o havia sufocado em questão de poucos minutos após sua ingestão.

O veneno indicava que a morte de Ivan foi um assassinato, mas quem o teria matado? E por quê?

Começar uma investigação de um assassinato era sempre empolgante e misterioso. Eu já peguei 12 casos diferentes de assassinato, e nunca consegui descobrir o assassino, mas mesmo assim continuo sendo muito reconhecido no meu trabalho por ter solucionado diversos casos de roubos, sequestros e suicídios. Sempre me pergunto por que tenho tanta dificuldade em desvendar assassinatos, mas tenho um fascínio tão grande que nunca desisto de tentar desvendar os mistérios por trás dessas mortes.

Comecei checando o local em que o corpo foi encontrado e não encontrei nada

que tivesse me ajudado. De acordo com a família Ivan não tinha motivos para sofrer uma morte assim, pois sempre foi um homem tranquilo que não arranjava briga com ninguém. O dono do bar me disse que conhecia Ivan há muitos anos, porque ele costumava passar várias madrugadas se embebedando, mas nunca tinha presenciado nem mesmo uma pequena discussão envolvendo a vítima, e não fazia ideia do porquê de alguém ter envenenado Ivan.

Achei um caso curioso: não havia motivos aparentes para esse assassinato. Todos os conhecidos do Ivan que conheci alegaram que não compreendiam o acontecido.

Eu e meu assistente passamos os 3 dias seguintes do assassinato questionando todas as pessoas que conseguíamos pensar e não obtivemos nenhum resultado. Cheguei a pedir a Christopher as imagens das câmeras de segurança de todos os lugares que Ivan frequentava, tamanho era o meu desespero por conseguir alguma informação que me servisse. Comecei a me culpar, esse seria mais um caso de assassinato que eu nunca descobriria o assassino. Já conseguia me ver inquieto na cama pensando em como sou um fracasso naquilo que eu amo fazer.

Após mais dias de investigação, notei algo estranho: Christopher não tinha realizado a tarefa que eu tinha pedido para ele dias atrás. Eu estava aguardando as imagens das câmeras e Christopher nunca se atrasava com suas tarefas.

Assistente Christopher Robinson

Eu trabalhava para o detetive Allan há quase 6 anos. Ele era um homem muito esforçado e inteligente, mas havia uma dificuldade enorme com casos de assassinato. Confesso que sempre achei isso muito estranho, devido ao bom desempenho dele em outros casos, mas nunca prestei tanta atenção nisso.

Contudo, esse novo caso que pegamos me revelou algo estranho: ao checar as imagens das câmeras de segurança do bar, notei algo que me chamou atenção, e foi assim que comecei uma investigação paralela.

Ao analisar as imagens do dia anterior ao do assassinato de Ivan, notei que meu próprio chefe havia encontrado com a vítima. Ivan estava na rua em que seu corpo foi encontrado, entrando no bar, quando ele esbarra com o detetive Allan, que tem uma atitude peculiar. Meu chefe cheira profundamente o local em que Ivan esbarrou, encarando-o com um olhar sanguinário.

Achei aquilo tudo muito estranho. Por que o detetive não tinha falado que esbarrou com a vítima horas antes dela ser morta? E principalmente por que ele havia cheirado

com tanta vontade o lugar que Ivan tinha encostado, com aquele olhar sinistro?

Detetive Allan

Fui questionar meu assistente sobre o atraso da análise das imagens da câmera e Christopher me disse que as imagens tinham uma péssima qualidade e não conseguiu ver nada.

Esse caso estava começando a me atormentar mais do que o normal. Mesmo que eu nunca tenha solucionado um assassinato completo, nunca tive tão poucas informações.

Assistente Christopher

Menti ao ser perguntado sobre as imagens. Estava achando aquilo muito estranho.

Olhei as imagens da hora aproximada do assassinato e observei pacientemente o fluxo de clientes no bar, até a chegada de Ivan. Poucos minutos depois, chegou um homem encapuzado, que mancava, e por alguma razão seu físico me lembrou Allan. A qualidade da imagem não era tão boa, então não pude ter nenhuma certeza sobre ser ele ou não.

Esse homem estava encapuzado, então não queria ser reconhecido, o que é coerente para um assassino. Mas se fosse o meu chefe, por que ele estaria mancando? E por que ele mataria alguém e depois pegaria esse mesmo caso?

Analisei a imagem de Ivan e Allan se esbarrando novamente, e notei que Allan também estava mancando nessa situação, me dando a completa certeza que na hora do assassinato o detetive estava presente no local. Só me restava saber o porquê de ele estar mancando e se ele realmente era o assassino.

Passei no estabelecimento e conversei com um amigo que trabalhava como barman lá. Perguntei a ele se havia visto alguém estranho no dia do assassinato e ele relatou a presença de um homem que usava um capuz, que ele não costumava ver com frequência por lá. Pedi a descrição desse homem, que coincidia com a aparência do detetive Allan. Por fim perguntei se o homem mancava, e a resposta foi positiva.

O barman me disse que não havia percebido nenhum movimento estranho da parte desse homem encapuzado. Por fim ele me disse que tinha acesso às câmeras da parte de trás do bar, já me avisando que eram câmeras velhas com uma qualidade ruim, mas essas câmeras filmavam o local exato em que o corpo foi encontrado.

Detetive Allan

Após dias desanimado com o caso da morte de Ivan, decidi reagir e voltar com a investigação. A família não mostrava como prioridade descobrir o assassino, e sim organizar as questões financeiras e viver o luto, mas eu não estava fazendo aquilo pela família, e sim por mim. Eu estava determinado a desvendar aquele caso, seria uma questão de honra para mim.

Cristopher não havia andado com as investigações, e eu ainda estava completamente perdido. Decidi voltar ao bar em que minha vítima morreu, e falei com uma garçonete que estava trabalhando na noite em que Ivan foi assassinado e ela me disse que sempre o atendia nas noites que passava por lá. Contou também que o atendeu naquela noite e pouco depois a outro cliente que usava um grande casaco com um capuz, que sentou perto de Ivan e começou a conversar com ele. A garçonete me disse que na hora deduziu que seria um conhecido dele, mas disse nunca ter visto o homem, e curiosamente apontou que ele se assemelhava a mim. Imagine a ironia, o assassino parecer com o detetive do caso!

Senti um progresso ao conversar com a garçonete, pois já tínhamos um suspeito: o homem de capuz que se parecia comigo. Só faltava identificar o sujeito e descobrir se ele realmente era o assassino.

Assistente Cristopher

A presença do detetive Allan na cena do crime estava me inquietando. Será que ele havia matado Ivan e pegou seu próprio caso para não ser descoberto? E se essa fosse a verdade, será que ele fazia isso com todos os seus casos, e por isso nunca resolveu nenhum deles? Seria o meu chefe um assassino mentiroso?

Minha ânsia por saber a verdade era tanta que decidi investigar os antigos casos do detetive, para ver se tinha algo em comum com o caso de Ivan. Afinal, se Allan matou uma pessoa, por que não teria matado outras?

Minha teoria se confirmou após eu conseguir acesso às imagens das câmeras dos últimos 3 casos de Allan. Em cada lugar que a vítima morreu, ela havia esbarrado com ela poucas horas antes, e o detetive sempre mancando e sempre cheirando misteriosamente o local tocado pela vítima.

Cada vez mais eu achava aquilo curioso, cada vez mais eu me envolvia, me perguntando o porquê. Em uma tarde fresca e calma, decidi interrogar Allan e tirar minhas dúvidas.

Detetive Allan

Em meio às minhas investigações, fui tomar um café em uma tarde tranquila de sexta, e encontrei meu assistente Christopher na cafeteria.

Notei como ele estava sumido e pouco envolvido nesse caso, mas decidi não questioná-lo, imaginando que ele deveria estar muito comovido pela família de Ivan por ser amigo da filha da vítima.

Christopher começou a me perguntar coisas cotidianas, mas especialmente sobre os meus últimos casos de assassinato. Ao questioná-lo do motivo destas tantas perguntas, ele me disse ser apenas curiosidade.

Conversamos por um tempo sobre o que aconteceu nos dias dos assassinatos dos meus últimos 4 casos, contando com a morte de Ivan, e ele me perguntou se eu achava se os casos tinham algo em comum. Achei engraçada a pergunta e respondi que não, e que seria muita coincidência se todos os meus casos tivessem algo em comum.

Assistente Christopher

Após interrogar Allan, achei estranho ele ter negado com tanta convicção. Ele realmente parecia dizer a verdade, por mais que eu já tivesse certeza de que ele era o assassino de todos os seus casos.

Dois dias depois, eu estava bem estressado por causa do tanto de trabalho e decidi sair para comer um fast food sozinho, apenas para tentar esquecer o monte de coisa que eu estava pesquisando naqueles dias.

Ao chegar em um restaurante de fast food, avistei meu chefe e, antes que pudesse falar com ele, notei que estava encapuzado e mancando, exatamente como nas filmagens que ele esbarrava com as vítimas.

Observei de longe. Notei que sua voz estava diferente, mais grave e baixa. Era como se fosse outra pessoa no corpo dele.

Logo que cheguei em casa, comecei a pesquisar sobre isso e cheguei à conclusão de que meu chefe tinha um distúrbio de múltipla personalidade. Uma hora ele era um detetive inteligente e comprometido e outra hora ele era um assassino.

Eu estava chocado com essa descoberta e decidi procurar um psicólogo para me explicar melhor sobre isso.

Sempre fui um homem com muitos amigos e, por sorte, um deles poderia me dar as informações que eu tanto queria.

Meu amigo psicólogo me explicou com clareza a situação, por mais assustadora que fosse. Allan tinha um distúrbio psicótico, ele era duas pessoas no mesmo corpo, que tinham personalidades, hábitos e até mesmo aspectos físicos diferentes, por isso Allan mancava apenas quando estava com sua personalidade de assassino. O psicólogo me explicou que tal personalidade era secundária, e não a dominante, e que ele tinha traços de psicopatia. A forma com que ele escolhia sua vítima era muito peculiar: eram as pessoas que por acidente esbarravam com ele na rua. O fato de Allan pegar os casos em que ele mesmo era o assassino era uma forma do seu inconsciente protegê-lo, fazendo com que ele não fosse descoberto.

Eu estava chocado com aquilo tudo e não sabia o que fazer, só sabia que aquilo não poderia permanecer daquele jeito. Meu amigo sugeriu então que Allan começasse a se tratar com psiquiatria, e foi exatamente isso que eu disse ao detetive.

Detetive Allan

Uma semana após meu assistente me sugerir a terapia e a psiquiatria como solução ao meu estresse com o trabalho, decidi que ele estava certo e comecei a me tratar. Em pouco tempo passei a me sentir bem melhor, com uma disposição melhor para o dia a dia e mais feliz comigo mesmo. Passei a tomar remédios que me equilibravam e me ajudaram muito.

Cristopher às vezes me perguntava se eu não descobri nada sobre mim mesmo na terapia, e eu sempre negava. Meu assistente tem cada pergunta maluca...

Lís e Ivan

Era mais um dia de verão na cidade do Rio de Janeiro e todos aproveitavam uma praia. Porém, num certo dia, alguém foi visto a metros da praia. A cada onda, o "objeto" se aproximava da areia. Quando os bombeiros chegaram, foi descoberto que uma pessoa fora morta. O curioso é que no corpo havia marcas de alguém que havia sido assassinado há muito tempo.

Quando os policiais começaram a investigar sobre o acontecido foi descoberta uma seita que fazia sacrifícios humanos. O oficial que ficou encarregado do caso era um policial muito respeitado pelos outros.

A única coisa que eles sabiam sobre a seita é que o seu comandante estava sempre um passo a frente das investigações.

Todas as devassas levavam para alguém da polícia como o assassino, por outro lado, essa pessoa tinha o pensamento de um policial perspicaz e ela sabia como esconder o seus atos. Todos suspeitavam da mesma pessoa: o investigador do caso, porque ele

sempre sabia o que iria acontecer.

No dia seguinte foram encontrados mais corpos boiando no mar e todos com as mesmas marcas. O investigador geral do caso? Desaparecido.

Enzo

PERFEIÇÃO

Em 2 meses o caso não foi solucionado, tendo início no verão e prosseguindo até o meio do outono. Moradores de Niterói continuam trancados em casa com medo de serem vítimas. Carlos da Penha – detetive do caso – continua a busca por um culpado, era inteligente demais para acreditar que fossem assassinatos de um bandido ou traficante comum, o crime era muito bem pensado, cada detalhe de tortura. A vítima era encontrada sem as unhas, de vez em quando com dedos ou dentes cortados, tudo feito simetricamente.

Carlos estava desde fevereiro procurando o assassino em série das mortes de uma caixa de mercado, um flanelinha e um motorista de ônibus. Sem dúvida um crime sem coerência, afinal eram pessoas comuns, sem ficha criminal ou acusações.

A atendente trabalhava no Hortifruti de Icaraí. Colegas de trabalho diziam que a moça podia ser um pouco temperamental, mas era trabalhadora antiga do mercado. Possuía marido, mas não filhos. No depoimento o homem disse não estar surpreso de alguém ter matado “aquela vaca reclamona”.

O flanelinha não possuía muitas informações específicas. Moradores da Otávio Kelly disseram que era de costume encontrarem o homem na rua nos dias de semana. Não possuía familiares na cidade ou amigos próximos para se preocuparem.

O mesmo ocorre com o motorista de ônibus. Não era conhecido por vizinhos, já que trabalhava em tempo integral fazendo ligação de Icaraí à Piratininga.

Após uma semana, um novo assassinato ocorre no Gero's Centro Residencial da Terceira Idade, asilo no Gragoatá. Uma das enfermeiras foi encontrada morta no banheiro do andar de cima. Todos os idosos foram interrogados, sem muita atenção de Carlos, já sabendo que o culpado fora o “serial killer” que assombra a cidade. Infelizmente Carlos confiou na inocência e incapacidade daqueles idosos e errou sem saber que aquela última morte era uma deixa para descobrir o culpado de todos aqueles horrores.

Sem saber ele inocentou um velho solitário que futuramente iria confessar seus crimes, mas já seria tarde, o tal homem já estaria morto por doença quando o achassem. Teria uma crise junto de uma profunda depressão, entretanto, não deixaria sua morte ser imperfeita assim. Alguma coisa teria que pagar pela dívida de ter uma vida tão negativa. A morte então seria seu gran finale.

Apresento então eu mesmo, Antônio Brasil, idoso morador esquecido do local do último crime. Tenho 76 anos e um câncer terminal junto de uma depressão em estágio avançado. Confesso aqui meu crime de morte de uma ignorante, um egocêntrico, do dono da rua e a mais maligna das mulheres. Sinto muito por ter causado tanto estresse à polícia federal e tanto medo aos moradores da cidade sorriso. Boa noite a todos e que, por favor, meu nome seja eternizado.

Sandra e Catarina Iarama

Um homem chamado Léo está sozinho com sua filha em casa. Uma hora da madrugada e eles estão dormindo como bebês. De repente, um barulho de algum animal acorda o pai, que levanta prontamente da cama preocupado. Sua filha continua dormindo como se nada tivesse acontecido.

Léo então sai do quarto para verificar se algum bicho tinha entrado pela janela que esquecera aberta. Não encontra nada e sobe para dormir com sua filha. Cobre a menina com carinho e dá um beijo na testa.

Mais tarde, um barulho de batidas ritmadas acordou novamente Léo. Assim que chega à cozinha o barulho para. Ele volta correndo para encontrar sua filha, mas ela não está lá. Seu coração acelera, procura por toda a casa e não a encontra. Quando sai da casa vê uma velha mimando sua filha que dorme em seu colo.

– Achou que fosse se livrar assim tão fácil?

– Você?...

Quando a velha puxa um 38 e dá 5 tiros em seu peito.

Igor Biccias

-ROTA DE FUGA-

Em um caso, um homem chamado Pedro Lima morre após ser assassinado por um bandido chamado Muniz. Dois detetives vão atrás do criminoso até que, depois de 30 minutos de procura, pegaram-no. Sendo assim, foi levado à delegacia, onde, ao ser questionado, deu um chute brutal em direção ao caderno de um dos detetives.

Feito isto, foi levado à prisão onde conheceu seu parceiro, que tinha um plano para fugir.

Então o plano começa: um prisioneiro problemático tinha um ataque cardíaco e todos os seguranças iriam vê-lo. Sendo assim, os criminosos fugiram, mas nem tudo foi feito com sucesso, pois os dois detetives os viram e os fugitivos se separaram. Os detetives foram atrás apenas de Muniz, até que em um tiroteio um detetive foi alvejado e o outro seguiu atrás do prisioneiro para vingar a morte do seu amigo. Então o único detetive atordoa o fugitivo e o deixa jogado no chão quase morto, mas depois de duas semanas o fugitivo voltou à consciência... e às grades!

Matheus Oliveira e Lucas Ramos

Oi, meu nome é Miranda, Miranda D'avila. Hoje venho aqui para explicar aquela história mal contada, sabe? Aquela na qual eu morri – como se pode perceber, tudo não passou de boatos.

Naquela época, eu fiz uma enorme besteira ao me casar com aquele ignorante do meu (ex)marido, por causa dele me deram como morta.

Tudo aconteceu quando nós tivemos uma briga muito séria que fez com que eu saísse de casa. Na raiva, arrumei minha mala e comprei uma passagem só de ida pra Cancun, bati a porta quebrando tudo mesmo. Passaram uns três dias e sem notícia de mim, minha mãe logo ficou preocupada, pois ela já sabia que ele não era muito bom da cabeça, foi atrás de notícias e tentou me ligar, mas não conseguia já que eu, lerda do jeito que sou, esqueci o carregador em casa.

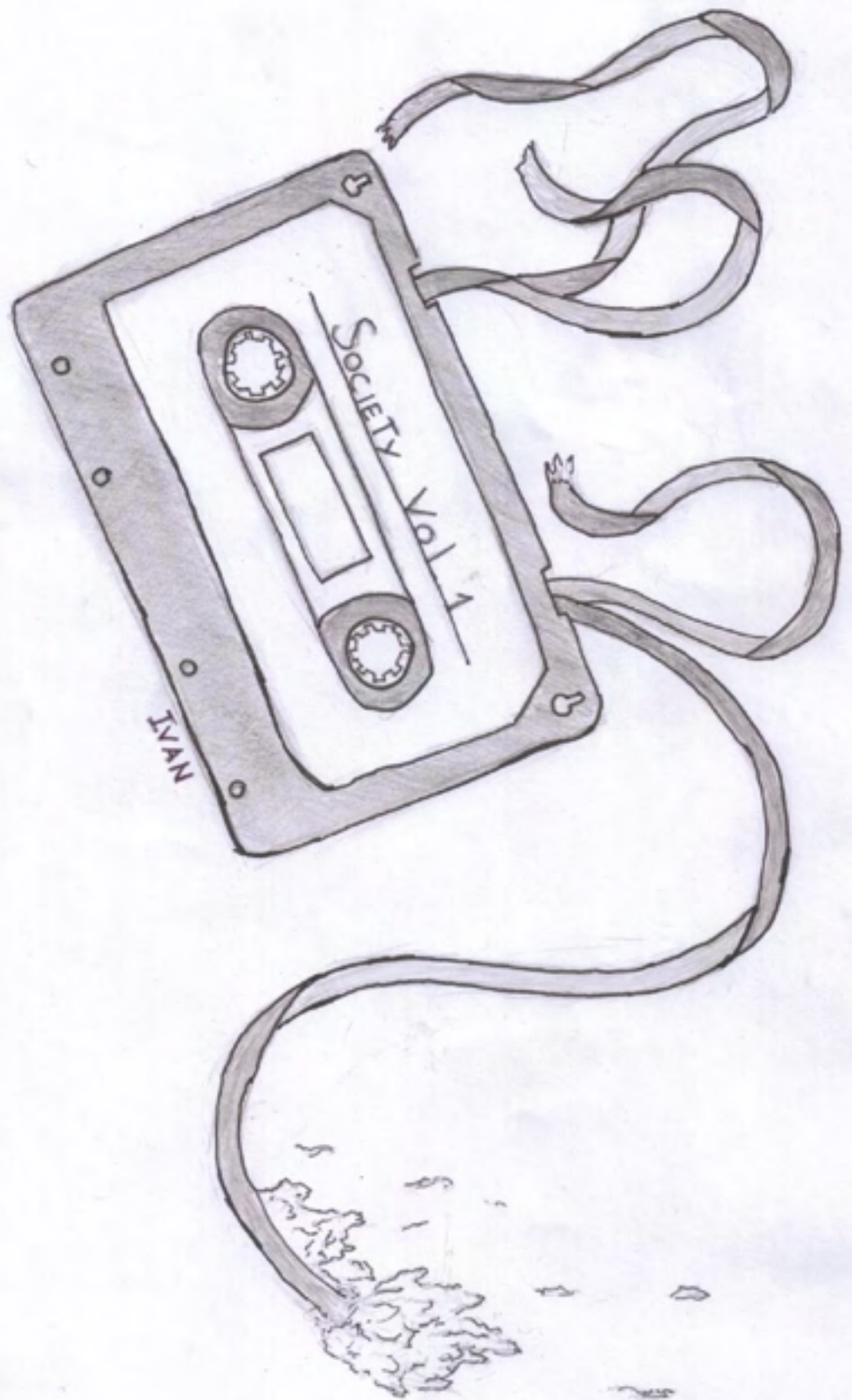
Lá se foram mais duas semanas e ainda com raiva não quis me comunicar com ninguém, nem mesmo com a minha mãe. Ela sem conseguir falar comigo resolveu ir lá em casa, abriu a porta, deu de cara com um monte de vidro e tragicamente pensou em um assassinato. Chamou a polícia para começar as investigações.

Depois de algumas horas, a polícia recebeu um telefonema de que uma garota parecida comigo tinha acabado de dar entrada no hospital, tinha sofrido um acidente. Minha mãe não sabia se ficava aliviada ou aflita, pois um acidente é melhor do que uma morte. Depois de um tempo conferiram que não era eu, então era certo que estava morta.

O tempo foi passando e minha raiva também e resolvi voltar pra casa. Chegando lá, me deparei com algo que dizia "Descanse em paz, Miranda". Meio desnorteada, logo fui falar com minha mãe para explicar o que havia acontecido. Quando a encontrei, ela ficou meio assustada, mas depois entendeu que tudo não passava de um mal entendido. Se alegrou muito ao saber que eu estava viva.

Entendeu agora? Foi assim que estive morta em vida.

Miranda D'avila



DOSSIÊ ESQUECER

“Ele vende-lhes um passado novo em folha. Traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias de avôs e bisavôs, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo.”

José Eduardo Agualusa

Um passado novo? Como se faz? Não me lembro bem como chegamos aqui. Lembro-me de uma tragédia. Um museu, milhões de peças, milhões de vozes passadas que nossas vozes presentes agora despertam com dificuldade.

É possível sermos uma sociedade que mais se esquece do que se lembra?

Foi nesta distopia que nos lançamos. Com dificuldade, com dor, um mundo que não se protege daqueles que não se importam com o tempo está fadado ao deserto da memória, o senhor dos desertos. Que essa nossa empatia, caro leitor, aquela que existe entre quem escreve e quem lê... nos salve.



Capa de “Animals”, do Pink Floyd

*“What do you get for
pretending the danger's not real.
Meek and obedient you follow the leader
Down well trodden corridors
into the valley of steel.
What a surprise!
A look of terminal shock in your eyes.
Now things are really what they seem.
No, this is no bad dream.”*

Pink Floyd

Obras de referência: “O vendedor de passados”, de José Eduardo Agualusa / “Animals”, álbum de 1977 da banda britânica Pink Floyd

A MÁQUINA

Ano de 2024, passados dois anos desde a data que viria a ser a eleição para presidente do país Brisalia. Os habitantes já haviam esquecido o que significava liberdade. O ditador Naborolos deixava claro que era contra qualquer tipo de lembrança de um passado livre ideologicamente, alegando ser tal história a favor da corrupção antiga do país.

O governo começou em 2019 e desde o dia em que a memória deixou de ser uma coisa conservada e começou a ser vista com maus olhos pelo governo. Todo cidadão “de bem” seria obrigado a ter sua memória apagada e substituída por uma nova seguindo o “padrão” da sociedade.

Um grupo de pessoas foi contra e, por castigo, foram banidos para os esgotos dos estados e condenados a passar o resto de suas vidas vivendo naquelas condições. Eu fui uma das pessoas que foi banida, tive que viver com minha família e alguns conhecidos perto dos restos nojentos das pessoas que me condenaram a aquilo.

A vida nos canos era repugnante, não tínhamos nenhum tipo de qualidade de vida, aquilo que seria básico para qualquer ser humano. Saúde, educação, nada era obtido, vivíamos pior que antes do novo governo.

Depois de duas semanas, pessoas já tinham começado a morrer lá embaixo. Nenhum de nós sabia o que estava acontecendo lá em cima, mas sabíamos que não viveríamos naquelas condições por muito tempo. Planejavamos uma rebelião em que iríamos tomar nosso lugar na sociedade terrestre.

No dia da revolução fomos aos gritos para a terra. Todos nos esgotos do país já estavam cientes, foi glorioso! Pena que durou até descobrirmos que nossos antigos vizinhos e cidadãos tinham sido dominados e tiveram suas mentes controladas.

Tivemos que lutar contra nosso próprio povo, independentemente de suas escolhas ou que tivessem nos excluído, eram humanos e perderam o direito a sua racionalidade. Vencemos o exército de robôs que aquele monstro tinha criado e até conseguimos nosso lugar de volta, mas a morte daqueles pobres inocentes que foram obrigados a fazer aquilo ainda nos atormenta.

Culpa nossa de ser uma espécie que utiliza todo o poder que tem e quando usamos, nunca é pelo bem. Nos deixamos levar por qualquer mentira que alguém diz e com isso somos levados à segregação de nossa própria família. Pena de nós.

Sandra e Catarina Iarama

O MUNDO DO ESQUECIMENTO

Certo dia, bombas caíram do céu. Ao tocar o chão uma cortina de fumaça surgiu, cobrindo o horizonte de quem assistia apavorado. Televisões e rádios só falavam deste mesmo assunto, até que aos poucos as pessoas foram se sentindo sonolentas e entraram em sono profundo mesmo no meio da rua. As pessoas só acordaram após 12 horas, sem saber onde estavam ou quem eram. E então todas as rádios e televisões de todo mundo começaram a reproduzir um mesmo discurso dito por um homem no idioma do país que estava passando. Jornais também imprimiram a notícia. A notícia era na verdade uma ordem para que as pessoas se mantivessem calmas e fossem à instituição pública mais próxima.

Chegando lá, as pessoas foram recebidas com alimento e roupas todas iguais. Foram dados então nomes para elas, que se identificavam por meio de números nas blusas e também tatuagens que eram feitas a laser, além de rastreadores internos. Após isso, as pessoas foram dispensadas e encorajadas a tomar a primeira casa que estivesse vazia para si.

Maistarde, às 21h30, mais um discurso era anunciado. Este, dirigido principalmente aos maiores de 16 anos, que poderiam ajudar em obras e trabalhos braçais. Em troca era oferecido comida e 10 reais por dia trabalhado. Os mais jovens ficavam com os trabalhos mais simples, como cozinhar e limpar as fábricas, enquanto os mais fortes trabalhavam nas minas extraíndo metais preciosos e outros trabalhos que exigissem força física. As pessoas acharam ótimo que estavam ganhando dinheiro e comida e, portanto, continuaram com o árduo trabalho que julgavam justo.

Assim é a sociedade em que se esquece mais do que se lembra. Injusta, triste. Nesse mundo quem detém conhecimento tem poder sobre as pessoas que não têm. Não existe como as pessoas compararem a realidade delas com o que não se lembram, e por isso permitem que se faça qualquer coisa com elas. Por isso, temos que preservar nosso patrimônio, nossa história, para que nunca possamos esquecer tudo que passamos e o que não aceitamos mais. Proteger o passado é proteger o futuro!

Igor Biccias

A TRISTE REALIDADE DA SOCIEDADE FUTURISTA

Após anos de evolução em que a tecnologia estava no seu ápice, uma sociedade futurista se considerava a mais desenvolvida e avançada de todas as anteriores, já que tudo o que eles conseguiam imaginar havia sido concretizado.

O único e grande problema dessa sociedade é que, com o passar do tempo, todos se esqueciam de tudo o que tinha se passado, até como haviam chegado ali. E como

esse acontecimento era espontâneo, nunca ninguém estava preparado para nada e, por pura arrogância, achavam que documentar e criar locais para que seu passado fosse lembrado era desnecessário. Mas onde a sociedade futurista mais falhava é que depois da onda de esquecimento, ninguém se preocupava em procurar o que tinha realmente acontecido, só aceitavam o que era dito na televisão, que era uma forma das pessoas superiores, os comandantes, acalmarem a todos e informar que tudo voltaria ao normal e que o futuro era a única esperança. Mas não conhecer seu passado fazia com que todos errassem justo nas mesmas coisas que seus antepassados, erros que obviamente eram esquecidos, criando um ciclo de falhas repetitivo, sem nenhuma forma de melhora.

Contudo, o que apenas esse grupo de pessoas que comandavam a sociedade sabiam é que essas ondas de esquecimento eram planejadas, para que rebeliões que as tirassem do poder fossem evitadas, como já havia acontecido anos antes. Eles criaram um método tecnológico em que as próprias televisões provocavam colapsos de esquecimento, com intervalos irregulares entre eles. Para eles, se esse grupo subordinado descobrisse a verdade, seria uma revolta impossível de ser controlada, já que a maioria das pessoas eram as que esqueciam.

O pior é que as pessoas da sociedade futurista provavelmente nunca descobririam o que acontecia em suas vidas, como tudo era manipulado. Pois ninguém realmente questionava o meio em que viviam; eles se esqueciam, surtavam, ligavam a televisão, se acalmavam, e voltavam para a rotina monótona de projeto para o futuro.

E só quem poderia mudar isso eram eles mesmos; os robôs da sociedade manipuladora seguiam perfeitamente o plano.

Bruna

O CONTO DA SOCIEDADE SEM PASSADO

Todo dia a rotina é a mesma, mas sempre em ordens diferentes. Nunca se repete. Nada se repete Pelo menos para todas as pessoas. Menos para Lia Willians. A menina que não lembrava, mas tinha referências. Talvez a ação mais proveitosa de seu dia fosse a dos momentos que ela via, lia e escrevia tudo que ela viu e vivenciou.

Em uma tarde ela estava com sua câmera e com várias polaroids, todas elas assinadas. Uma das fotos era de um olho. O olho mais esmeralda que já tinha visto. O olho de uma paixão que nunca pudera ser vivida. Um amor que nunca será encontrado.

Suavemente, Lia pegou seu caderno de

contos. Seu diário mais secreto. Lá, ela escrevia histórias alternativas de suas aventuras. Toda vez que mexia naquele material, se sentia melancólica, certo tipo de angústia. Não sabia o motivo de tal manifestação de sua mente, mas sabia que tudo que ela produzia era verídico. Como ela poderia ter certeza? Ela não se lembra.

Os seus passeios no fim da tarde, eram seus preferidos, ela tinha chance de observar, ela acha tudo isso muito curioso. O fato das pessoas não terem curiosidade de saber sobre o passado, sua criação. Todos eram miseráveis. Lia odeia admitir isso, mas, por mais que ela tentasse, também era uma miserável. Ninguém tinha saída ou uma escolha.

Uma vez, no parque, ela perdeu sua câmera que tirava fotos instantâneas. Era um de seus bens mais preciosos. A máquina era rosinha com um adesivo branco, que ela mesma havia feito. Era um símbolo com ramos e flores, dizia que era o símbolo da esperança.

Os dias depois de ficar sem sua câmera foram difíceis, ela não tinha recordações para escrever contos. E mesmo que ela tentasse se lembrar... não era capaz. Não sabia onde procurar. Ela não sabia que sua maior conquista havia sido perdida. Sentia falta de algo, mas não sabia o que. Dias se passaram e esse sentimento só aumentou. Ela voltou ao parque, e lá encontrou o dono do par de olhos esmeraldas, o garoto alto segurava em suas mãos uma câmera. Ela com curiosidade se aproximou. Timidez. Foi a

única coisa que sentia.

– Oi – ela disse desajeitada, tropeçando nos pés do rapaz.

– Ops – Ele a encarou – Você tá bem?

– Hmm... sim, estou. Não sei se seria invasão de privacidade, mas será que eu posso usar a câmera?

– Na verdade a câmera não é minha, eu encontrei ela aqui no parque e espero o dono aparecer. Mas nunca o encontrei. Uma pena. As fotos são tão bonitas – nesse momento Lia o encara, se deu conta que nem o nome do homem ela sabia.


– Qual o seu nome? – ela disse rápido e se atropelando nas palavras.

– Henrique, prazer – ele esticou a mão rindo.

– Lia, prazer – ela terminou o cumprimento, acompanhando-o nas risadas.

Eles conversaram, tiraram fotos, se divertiram... já de noite, eles se beijavam, Lia se descobriu, ela pela primeira vez brilhou. Henrique pela primeira vez se deixou sentir. Eles se conheciam. Mas era novo. Era a primeira vez, de muitas primeiras vezes.

Ela levou a câmera pra casa. Ele levou um de seus textos sobre esmeraldas. Ela se lembrou. Ele se libertou. Ela percebeu que aquela máquina era sua. Ele percebeu



que as esmeraldas daquele conto eram
ele. Eles se apaixonaram.

Nada importava além do agora, a promessa

era “vamos viver o agora, não importa se
seja do passado ou do futuro. O importante
é se entregar para vida de forma que você
viva e não simplesmente exista”.

Lia Willians

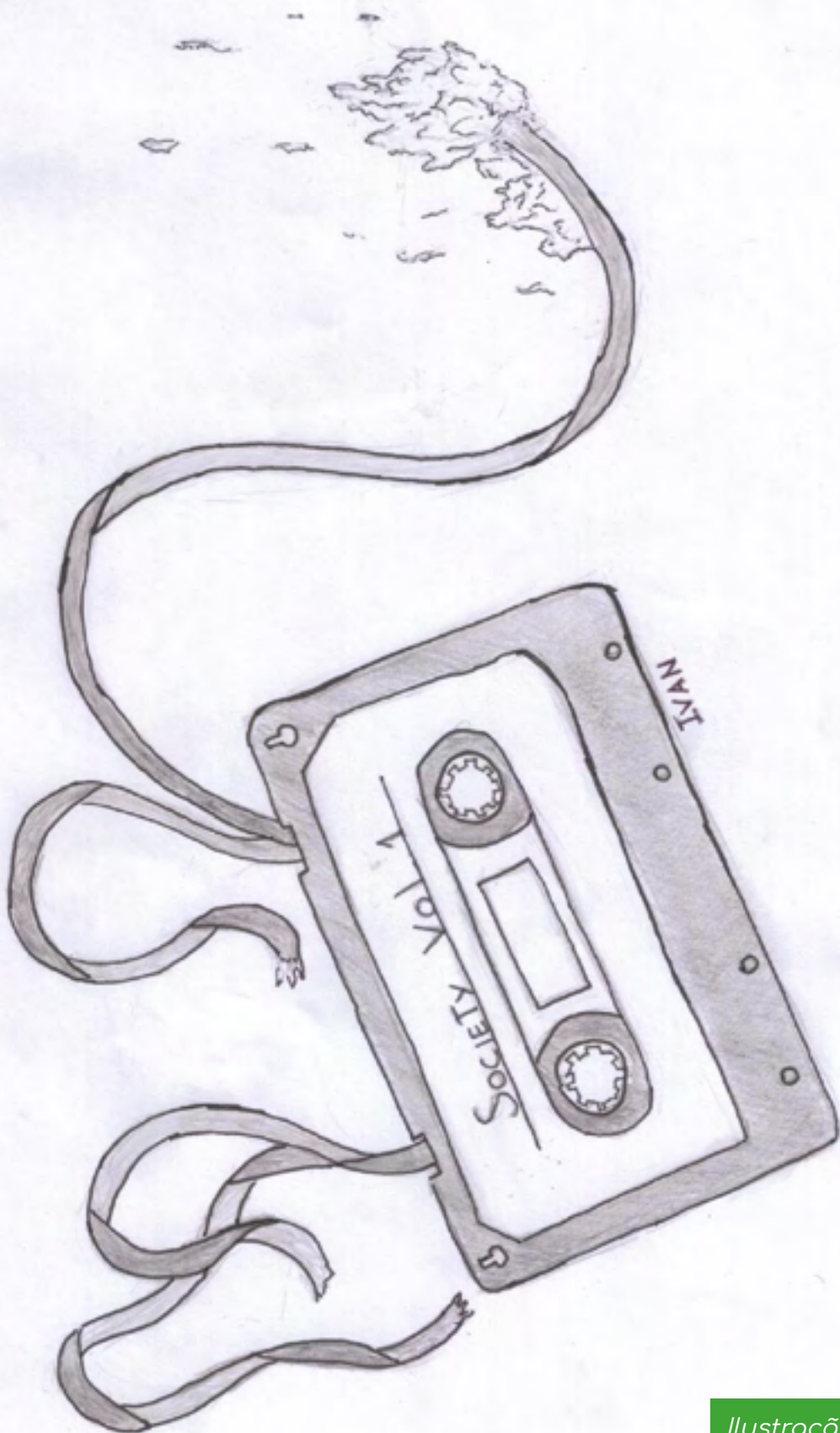




Ilustração: Lauro Navarrete

DOSSIÊ LEMBRAR

*“Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...”*

Alberto Caeiro

Uma vida de 45 anos. 450. 4500. A Aldeia aniversaria e sua história se confunde com a daqueles que lhe deram amor e amor dela receberam. É assim que se estuda. Os anos não importam, importam as vidas. O que elas teriam a dizer?

O 9º se despede mais uma vez. Ainda que presentes, festejando, a despedida é inevitável. Uma saudade para sempre. Que bom sentir isso, lembrar e sabermos quem somos.

Lembrar é resistir.



Obra de referência: a gente

Amor
Liberdade
Direitos
Energias positivas
Integridade
Alegria

Todos nós precisamos de um refúgio: um lugar onde você possa ser você mesmo, sem se preocupar com julgamentos. Um lugar onde você dá os sorrisos mais verdadeiros, e os choros mais sinceros. Um lugar que você se sente bem.

Assim é a Aldeia para mim! Independente do que aconteça, sempre terei alguém para me apoiar. Sempre terei as melhores lembranças, os melhores momentos e as melhores pessoas, que para sempre estarão no meu coração.

A Aldeia é a minha segunda casa: o lugar em que há 12 anos eu passo metade dos meus dias. O lugar em que eu aprendo todos os dias, e não apenas as matérias, e sim ensinamentos que ficarão pelo resto da minha vida. Lá não aprendemos apenas conteúdos que cairão em provas: aprendemos a ser pessoas com valores verdadeiros e puros no meio do caos da sociedade. Aprendemos a nos posicionar e lutar pelos nossos direitos. Aprendemos a respeitar o outro, mesmo com opiniões distintas. Aprendemos a cuidar da natureza e nos sentir parte dela. Aprendemos que com a criatividade podemos chegar longe. Aprendemos o que é liberdade e como usá-la. E cada um desses conhecimentos adquiridos, construídos dentro de cada um de nós com carinho e determinação, nos acompanharão pelo resto de nossas vidas, nos momentos mais importantes das nossas trajetórias, nos lembrando das verdadeiras riquezas do mundo e da essência humana.

Lís Menezes

Nesta escola, pessoas brincam de ser feliz entre árvores que desde sempre tiveram a honra de carregar belas histórias. Em seus galhos, crianças e pássaros vivem felizes e, de um jeito estupendo, espalham a mais pura alegria já sentida por um ser humano. Com isso, essa nossa fabulosa forma de enxergar o mundo nos permite viver magia, transmitir magia e, principalmente, ser magia.

Laura Navarrete

Aldeia. Representa união, amor e paixão. E muitas amizades.

Victor Muniz

Se quer voar, voe, se quer sonhar, sonhe, se quer falar, fale, se quer ser, seja, pois aqui nessa vasta natureza o que importa não é a beleza e sim que cresça, pois aqui a memória não está só na cabeça e sim na alma, sem tristeza.

Fernanda

Aldeia minha casa
Aldeia minha vida
Um lugar de muita alegria

Pedro Lima

Aldeia, lugar de novos recomeços.

Matheus Oliveira

SAUDADES

Desses anos sempre irei me lembrar
A Aldeia me ensinou a pensar
Com novas pessoas me integrar
E jamais deixar de imaginar

Aqui aprendi a dizer a verdade
Entendi o significado de amizade
Acompanhado pela felicidade
Trazendo-me a humanidade

Momentos em meu coração estarão guardados
Agora com o coração apertado
Venho dizer obrigado
Vocês sempre serão lembrados

Sandra e Catarina Iarama

A Aldeia traz um sentimento de carinho, acolhimento e felicidade para mim. A relação que tenho com ela começou desde o momento em que nasci, ela sempre foi minha segunda casa. Sou eternamente grata por tudo que conheci, sonhei e pensei nessa escola. Senti e sentirei muita falta de tudo isso.

Bruna

CASA

Procurando minha casa,
no meio da escuridão
Perdida na estrada
Busco solução

Achei a minha casa
lá no meio da floresta
Com muitos sorrisos,
rompendo as arestas

Já estou em casa
que acolhedor
Arrumando a mala
Afogada em tanta dor

Já deixei minha casa
Agora sou um fantasma
Nadando no grande mar
Que me impede de sonhar.

Lia Willians

A aldeia é um lugar de paz
Sempre conquistando sem dar passo pra trás
Brincando jogando ou namorando
Correndo e vivendo com santos
Sempre com sorriso no rosto
Mesmo que no fundo do poço

PurpleX

Liberdade, palavra que pensamos saber seu significado, mas no fim apenas achamos que sabemos. Ao chegar nessa parte de uma longa jornada que ainda tenho a percorrer percebo que liberdade é tudo o que faço nessa escola. Tenho tantas liberdades com diferentes nomes – e não estou dizendo apenas liberdade como forma de se “desestressar” –, estou falando de algo além disso. Mesmo tendo estudado em outras escolas, estando aqui foi algo que me tornou uma pessoa liberta, interiormente me

sinto livre e sou livre! E agradeço muito a isso por conta do meu pensamento crítico e não tenho medo de expô-lo. Esses são alguns dos motivos para eu ser apaixonada por essa escola.

Juliana Coelho



Ilustração: Laura Navarrete

EXPEDIENTE

Apresentação: Mateus Bertolino

Revisão: Mateus Bertolino e Mônica Scheer

Autoria dos textos: Alunos do 9º ano/2018 da escola Aldeia Curumim

Design e Diagramação: Bernardo Nemer (www.bernardonemer.com)

Capa: Quadro "Noite Estrelada", Van Gogh

Colaboração: Mônica Scheer

Apoio institucional: Marcelo Cantarino Gonçalves



ALDEIA 45
anos
CURUMIM

www.aldeiacurumim.com.br